GEO-GRAFIAS NEGRAS & GEOGRAFIAS NEGRAS

Geny Ferreira Guimarães¹

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre como podemos repensar a Geografia de forma crítica para alcançarmos a construção de métodos e metodologias dentro do campo de estudo de Geografias Negras. O objetivo central é discutir sobre as possibilidades deste campo de ensino e pesquisa geográfica de forma visibilizada, assim como acontece com outros campos de pesquisa científica na área e, tirar-lhe o peso de perspectivas moldadas em heranças coloniais e referenciadas por modelos epistêmicos racistas. Enquanto metodologia adotada, aponto a abordagem de “escrevivências” cunhada de autoria de Conceição Evaristo. O método que vem sendo proposto envolve perspectivas “desde dentro” de Guimarães (2015), que nos últimos anos vem sendo aprimorado em busca de cada vez mais um corpo epistemológico enegrecido. Ampliar essa discussão é inserir o sentir, pensar e ser negro, no ensino e pesquisas geográficas para que as histórias, culturas e conhecimentos de grupos sociorraciais colonizados e escravizados possam fazer parte de análises espaciais afirmativas.

Palavras-chave: Geo-grafias Negras; Geografias Negro-brasileiras; Método; Metodologia.

BLACK GEO-GRAPHIES & BLACK GEOGRAPHIES

Abstract: This article presents reflections on how we can rethink Geography in a critical way to achieve the construction of methods and methodologies within the field of study of Black Geographies. The central objective is to discuss the possibilities of this teaching and geographic field of research to become visible, as it happens with other fields of scientific research in the area, and remove the weight of perspectives shaped by colonial inheritances and referenced by racist epistemic models. As a methodology adopted, I indicate the “escrevivências” issues coined by Conceição Evaristo. The method that has been proposed involves perspectives “from within” of Guimarães (2015), which in recent years has been improved in search of an increasingly blackened epistemological body. Broadening this discussion is to insert feeling, thinking and being black in teaching and

¹ Docente EBT de Geografia no CTUR/UFRRJ. Coordenadora do LABGEO/NEPEG/CTUR (Laboratório de Geografia e Núcleo de Estudos GeoCulturais) com os Projetos de iniciação Científica Geo-grafias e LABGEO. Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História (Prof-História - UFRRJ). Doutora em Geografia pela UFBA (2015). Campo de pesquisa principal atualmente é em Geografias Negras & Antirracistas que incluem discussões: patrimoniais; sobre a construção analítica da dimensão racial do espaço, Geo-grafias & Literatura Negro-brasileiras e Geo-grafias Negras. E-mail: genybr@yahoo.com.br / geografia.ctur@gmail.com

GEO-GRAFÍAS NEGRAS & GEOGRAFÍAS NEGRAS

GÉO-GRAPHIES NOIRES & GÉOGRAPHIES NOIRES

Mots-clés: Géo-graphies noires; Géographies négro-brésiliennes; Méthode; Méthodologie.

Revista da ABPN • v. 12, n. Ed. Especial – *Caderno Temático: “Geografias Negras”* •
abril de 2020, p. 292-311

A produção geográfica envolve vários campos do saber, desde historicamente os conhecimentos sobre os espaços territoriais dos povos mais antigos; as descrições, explicações da natureza e do planeta construídas pelos naturalistas; as primeiras correntes científicas sistematizadas cujos objetivos foram concebidos para explicar as realidades, suas complexidades e que ao longo do tempo foram sendo repensadas e atualmente, encontram-se sob outras formas e podemos chamá-las de Geografias Contemporâneas.

A sistematização das ciências, dentre elas a Geografia, representou a construção de um conjunto de regras que legitimaram um campo de atividades desenvolvidas em prol de compreender tudo que existe. Antes, esse papel era representado por meio dos mitos locais e as crenças religiosas. As ciências resultaram das apropriações dos conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade somado às pesquisas dos naturalistas, mas apresentados sob um determinado formato e neste caso, apenas alguns conseguiam ter acesso, compreender e dominar essa produção: os cientistas.

Para a Geografia, foram criados modelos em forma de manuais, enciclopédias e tratados que, em primeiro lugar, tentaram formatar os estudos para enquadrá-los dentro do que os primeiros geógrafos chamaram de ciência geográfica ou Geografia. Logo, para ser considerado cientista seria necessário seguir as determinações desses modelos com rigor. O conhecido rigor científico, rigorismo ou rigor metodológico que para Lima Junior e Caporal (2016) vem perdendo espaço para o crescente número de pesquisas que valorizam os elementos psicobiossociais. Desta maneira, é possível dizer que os conhecimentos geográficos de povos antigos passaram por um processo de legitimação que lhe concederam algum tipo de autenticidade, cancelados pelos cientistas, antes naturalistas, os conhecimentos foram valorados e passaram a ser científicos.

Como a sistematização das ciências ocorre no século XIX, o cenário é de boa parte das sociedades imersa no patriarcado e basicamente ainda escravistas (mesmo aquelas que já haviam abolido a escravização de africanos, mas não haviam resolvido a situação dos recém-libertos), além disso, a colonização ainda vibrante, mesmo em impérios, como no caso do Brasil.

Com a formação de repúblicas nos países americanos ex-colônias, a situação modifica-se um pouco e a forma de entender a sociedade passa a ser um interesse dos cientistas ou ao menos dos considerados eruditos e intelectuais. Assim, no século XX, os estudos sobre as formações e construções das nações se tornam uma constante em muitos

países da América Latina, no Brasil não é diferente. Surgem algumas escritas e escritores marcantes que vão conduzir a sistematização das ciências no Brasil sob o modelo europeu, esse grupo ficou conhecido como intérpretes da sociedade brasileira. A Geografia não participou intensamente desse debate, mantinha-se uma ciência preocupada com estudos da natureza, mesmo que influenciada por geógrafos estrangeiros que já se preocupavam com questões sociais.

A Geografia brasileira recebeu bastante influência da Francesa, como outras áreas do conhecimento valorizando a neutralidade e objetividade. Assim, a necessidade estava em comprovar dados de pesquisa para garantir cientificidade. Porém, alguns fenômenos sociais nem sempre se encaixam em comprovações pela falta de dados suficientes e pela própria dinâmica social constante, logo, descartados para a Geografia.

Pensando em termos de colonização territorial, muitos grupos sociorraciais (indígenas da América e africanos) não mantiveram suas histórias contabilizadas em dados para estudos, por conta da oralidade de suas culturas e do condicionamento subserviente imposto pela escravização. Muito menos foram levadas em consideração as suas formas próprias de organização do espaço (política, econômica e social). Tal processo pode ser justificado pelo caráter inferiorizante e hierárquico colonial que resultou em menosprezo de seus conhecimentos, o que chamo de racismo. Além de desconsiderar a organização socioespacial, por meio do processo de escravização, promover uma tentativa de desumanização dos corpos indígenas e africanos por justificativas de inferioridade baseadas no fenótipo o que resultou na coisificação de seres humanos e no enorme comércio de escravizados do Atlântico Sul.

Este artigo é para refletirmos como podemos repensar a Geografia por meio da construção de métodos e metodologias para que as histórias, culturas e conhecimentos de grupos sociorraciais colonizados e escravizados possam ser inseridos em perspectivas de análises espaciais afirmativas. Ao contrário do que prevaleceu na história do pensamento geográfico. Ou seja, transformando os estudos raciais moldados em heranças coloniais e referenciados por modelos epistêmicos racistas em perspectivas raciais afirmativas. Caso a ciência geográfica não esteja mais direcionada por estudos coloniais (ou seja, de inferiorização e hierarquização), logo não será problema as propostas lançadas neste artigo, porque farão todo sentido científico para os estudos espaciais na atualidade.

As ideias encontradas aqui representam reflexões a partir da revisita a quatro textos já publicados em outros meios. Utilizei como base, as ideias discutidas no texto *O ensino de Geografia e as geograficidades encontradas na literatura negro-brasileira* (GUIMARÃES e SILVA, 2012) o qual representou uma tentativa de explicar como é possível desenvolver a interdisciplinaridade entre Geografia e Literaturas Negro-brasileiras na Educação Básica, as possibilidades de análises, de produção material e de construção de aulas. Da introdução que consta na tese de doutorado *Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de suas heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial* (GUIMARÃES, 2015) principalmente para pensar a possibilidade de metodologias e métodos próprios para os estudos de Geografia e relações raciais. Do texto *Geografia desde dentro das relações étnico-raciais* (GUIMARÃES, 2018), neste caso pensar o ensino de Geografia para além de apenas a interdisciplinaridade de Geografia e Literatura, mas também de assuntos que perpassam o cotidiano dos espaços geográficos e que podem constar no ensino desta disciplina, justamente porque fazem parte das pesquisas geográficas, por isso a necessidade de métodos e metodologias próprias. Da comunicação intitulada *Geografia Antirracista: métodos, metodologias e epistemologias* (GUIMARÃES, 2019). Esses textos e vários outros representam um esforço para repensar as práticas metódicas, metodológicas da Geografia e reivindicar um sistema epistemológico próprio. Por que denominar por “outros” o conjunto epistêmico e propostas metódicas e metodológicas não hegemônicos? Aqui chamaremos de próprias e sem aspas. Neste caso, significa buscar temas, elementos e referências pertencentes ao grupo sociorracial negro para que as pesquisas façam sentido para o pesquisador, para a Geografia e para qualquer pessoa negra que a leia. A comprovação de uma pesquisa negra não se dá único e exclusivamente por dados estatísticos como na Geografia Quantitativa, mas pela compreensão daqueles ao qual o assunto pertence e faz algum sentido.

Um dos propósitos em escrever o texto a seguir é a repetida solicitação de estudantes por maiores explicações sobre o significado de Geo-grafias Negras, que neste texto também pode ser entendido por Geo-grafias Negro-brasileiras, Diaspóricas, Africanas. Ainda, afirmar que Geografias Negras representa um campo de estudos na área de Geografia com produção relevante de muitas/os geógrafas/os brasileiras/os e de várias parte do mundo.

Este artigo está dividido em três partes. Esta introdução; uma primeira parte ou subitem para apresentação da Geo-grafias Negras, com texto em primeira pessoa do singular para marcar a subjetividade individual e pensarmos a trajetória de construção desta terminologia por meio de subjetividades das referências. Apresenta um caminho da Geografia na construção de um campo de estudo específico e próprio que pode ser transformado pela práxis em sala de aula. Na segunda parte, escrito na primeira pessoa do plural para marcar o caráter individual-coletivo que pesquisadoras/es negras/os desenvolvem, neste ponto são encontradas reflexões sobre as Geografias Negras e as possibilidades metódicas e metodológicas deste campo de estudo. O foco ou recorte será para o grupo sociorracial negro.

GEO-GRAFIAS NEGRAS

“ (...) aporte vivencial”

Victoria Santa Cruz (2019, p.25)

Esta parte do artigo é o que eu poderia chamar de artigo-relato de experiência, ou seja, será escrito a partir da minha própria vivência, logo, assumo uma “escrevivência” (EVARISTO, 2017) para a redação deste subitem, mas apontando referências de estudos e pesquisas. A forma deste subitem foi escolhida justamente pela identificação de negritude que o termo “escrevivência” nos traz por ser:

(...) uma escrita que é profundamente comprometida com a vida. É profundamente comprometida com a vivência. Mesmo num processo de ficcionalização, eu vou ficcionalizar a partir de fatos e situações reais que podem ser da minha vivência ou não. Que podem ser inclusive da minha da minha história particular, como pode ser da minha história coletiva. Sempre uma escrita marcada pela minha condição, pela minha vivência de mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2017, s./p.).

Logo, sem dúvida alguma, as escrevivências estão relacionadas à produção literária escrita por mãos negras sobre assuntos pertinentes a população negra.

Pelo fato de Conceição Evaristo ser uma escritora, o ficcional é seu cotidiano em termos de processo produtivo, mas a “escrevivência” criada para o campo literário pode ser transferida para o campo da escrita científica quando levamos em consideração a

subjetividade como parte da metodologia que juntamente com a proposta de método “desde dentro” (GUIMARÃES, 2015) propõe analisar um individual que é coletivo para grupos sociorraciais negros, além disso, para fazer uma ciência que faça sentido precisamos: sentir, ser, estar, pensar o/no mundo. Moreira (2010) discorre sobre o “pensar e ser em Geografia” para analisar a epistemologia e ontologia do espaço geográfico utilizando a filosofia como referência e base. Mesmo que a escrita de Moreira (2010) seja interessante e estejamos inseridos em sua perspectiva de pensar e ser no mundo, mas o ponto de partida é que nos apresenta limitações por representar um modelo de humano estabelecido socialmente pela “brancura” e analisado pela própria. Assim como a preocupação de superpovoamento das cidades em 1930 ou as análises dos intérpretes do Brasil.

Para o entendimento do termo “brancura” Ramos (1995, p.141), Fanon (2008, p.27) e Bento (2012, p.27) o apresentam enquanto um protagonismo de pensamento e práticas no mundo a partir de privilégios de grupos brancocentrados e de ancestralidade europeia. Mas, o termo também é bastante utilizado para expressar a normatividade adotada como modelo social indiscutível para muitos que seria a branquitude ou branquidade, assim,

(...) branquitude passa como um estágio de conscientização e negação do privilégio vivido pelo indivíduo branco que reconhece a inexistência de direito a vantagem estrutural em relação aos negros. Já a nomenclatura branquidade, toma o lugar que até então dizia respeito a branquitude, para definir as práticas daqueles indivíduos brancos que assumem e reafirmam a condição ideal e única de ser humano, portanto, o direito pela manutenção do privilégio perpetuado socialmente (MOREIRA, 2012, p.14).

Para Freire (1989) a primeira leitura que uma pessoa faz é a de mundo, logo, que esta primeira leitura de mundo para uma pessoa negra seja feita por meio de elementos vinculados a sua ancestralidade, origens e pertencas para que o mundo faça algum sentido. Assim, o ato de ler

(...) não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 1989, p.9).

O que eu vou mencionar é que essa leitura de mundo se faz por meio do sentir, ou seja, do sentido, do sentimento de alguém desenvolvido por algo que não cause estranheza, dor e trauma. Então, para uma pessoa negra, antes de perceber a sua própria existência a partir de elementos afirmativos, muitas das vezes aprende a ler pela cartilha da “branquidade” (MOREIRA, 2014) o que pode gerar estranheza, dor e trauma e também, resultar na autorrejeição de tudo que lhe diz respeito. Segundo Moreira (2014) a branquidade pode ser considerada a branquitude e para que brancos ainda continua representando a manutenção de privilégios na sociedade em detrimento da população negra e tal processo só ocorre por meio do racismo.

Também, por conta da história de rupturas entre o passado e presente realizado pelo processo de escravização e de distanciamento das referências, o sentir é primordial, uma das heranças ancestrais africanas que foram mantidas por meio de variadas formas de resistência. O sentir e o pensar são indissociáveis, pois ambos se formam na mente humana e resultam no ser, na existência produzindo conhecimento. Logo, estão relacionados à mentalidade e intelectualidade, o que Moreira (2010, p.9) diz ser “(...) um grande debate porque aproxima a ciência da filosofia por meio do contraponto entre a epistemologia e ontologia ao redor da questão do conhecimento e da existência”.

Os percursos que pesquisadores vão trilhar são os mais variados caminhos para a construção de conhecimento geográfico científico. Quando eu completei 10 anos de formada em Geografia (em 2004), o percurso até então, pode ser descrito de forma reduzida em: entrada na Geografia (1989), finalização do curso (1994 e 1995) e início no magistério do município do Rio de Janeiro (1995 – interrompido no próprio ano, cuja duração não ultrapassou uns dois meses), reinício no magistério em (1998 e 1999, respectivamente, na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro e Secretaria de Educação do Município de São Gonçalo) e mestrado (2002-2004). Uma lacuna até 2011 para o Doutorado.

Após o mestrado, a lacuna, o vazio não apenas de finalização de um curso, mas de perda da referência maior da minha vida que foi o falecimento da minha mãe (2003). Saí em busca do sentido de tudo. Percebi que a Geografia, mesmo completando 10 anos de formada, não me agradava como deveria, pois os estudos, assuntos, temas e pesquisas não me completavam e não eram interessantes o suficiente para que eu me debruçasse

sobre eles. A parcela sociorracial negra estava de forma inferiorizada, subalternizada nos estudos ou simplesmente ausente. Pois as minhas vivências e leituras de mundo pareciam contraditórias com relação ao que esta ciência me apresentava de possibilidades de estudos. Percebi que não era apenas pela perda da minha mãe que o mundo ficara diferente e sem sentido (a razão afetiva, o sentir), mas também porque os estudos espaciais ou geográficos não contemplavam o que eu precisava para eu me sentir geógrafa e professora de Geografia. Desta forma, eu buscava algo que auxiliasse na compreensão de mundo e faltavam referências geográficas significativas e significantes (a razão profissional, o pensar que não está destituído do sentir).

A lacuna existencial de pensar sobre a ausência de referências concretas da minha mãe eram refeitas pelas lembranças da convivência, dos afetos, dos toques, das palavras e dos conhecimentos (memórias sensíveis) que aprendi para estar no mundo.

Mas, se tratando das referências ancestrais da minha família, quais eram as minhas lembranças? Encerravam-se no máximo nas minhas avós, tanto materna quanto paterna (os avós eu nunca conheci). Então, entendi que a Geografia só faria sentido se eu conseguisse buscar as heranças, lembranças, memórias ancestrais que pudessem completar o conhecimento espacial que eu tinha da cidade onde morava, do país, do mundo em si. Até onde e o que, de fato, eu conhecia sobre o Rio de Janeiro? Eu deveria começar as buscas e, principalmente, começar pelas minhas origens familiares que estavam logo ali. Comecei andanças para conhecer e reconhecer no espaço geográfico da cidade, as histórias contadas pela minha mãe, minha avó materna, tias e tios e meu pai.

Achei que seria quase impossível, pelo fracasso de não ter conseguido escrever um capítulo da dissertação de mestrado chamado *Onde estão os negros em São Gonçalo?* (GUIMARÃES, 2004) resultante da falta de habilidade nas pesquisas e dificuldade em encontrar informações. Contudo, somado ao desejo de conhecer a cidade do Rio de Janeiro pela perspectiva familiar, deparei-me com o fato de que não importavam as heranças portuguesas carregadas pelo sobrenome Ferreira Guimarães, mas sim pelo que fazia sentido e no caso, eram as marcas negras espaciais que pudessem ir ao encontro das histórias de minha mãe, do meu pai (que em 2005 adoece gravemente) e de meu apelido paterno Bonga (a referência africana de nome que eu possuía vinculada a minha família), apenas assim, a Geografia passou a fazer sentido para mim.

Como eu não sabia por onde começar porque a Geografia não oferecia, naquele momento, subsídios acessíveis para isso, eu criei alguns roteiros turísticos com uma amiga de profissão, por ser guia de turismo credenciada. Todos os roteiros seriam para apresentarmos a cidade do Rio de Janeiro pela perspectiva negra: Roteiro 1 – Morro da Conceição – desde a frente da Igreja de Santa Rita de Cássia até o Instituto Pretos Novos, passando pelo Morro da Conceição, onde hoje é reconhecido por Cais do Valongo, Pedra do Sal; Roteiro 2 – Praça XV-Uruguaiana (que só foi realizado uma vez e com o professor Claudio Honorato); Roteiro 3 – Boulevard 28 de Setembro (foi montado, mas nunca foi executado) e Roteiro 4 – Lapa-Santa Teresa (também foi montado, mas nunca foi executado).

O momento no qual os roteiros foram montados eu participava de um curso de pós-graduação em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-brasileiras, onde Conceição Evaristo foi minha professora de uma disciplina e ali eu conheci as Literaturas Negro-brasileiras (CUTI, 2010), na época aprendidas com a nomenclatura afro-brasileiras.

Pronto, as referências que eu precisava estavam ali também. Logo, eu iniciei um trabalho em sala de aula que envolvia levar escritoras e escritores negros juntamente com os conteúdos de Geografia e depois de um tempo percebi que estava fazendo Geografias Negras. Ou seja, trabalhava conteúdos de Geografia utilizando Literaturas Negras (interdisciplinaridade com Literatura e também uso de linguagem diferente da geográfica) para a compreensão dos assuntos.

A aceitação foi imediata por parte dos estudantes. Com o meu mergulhar na literatura e críticas literárias negras foi necessário um posicionamento político-social quando compreendi as diferenças conceituais entre literaturas negras, literaturas afro-brasileiras e literaturas negro-brasileiras (LIMA, 2006; DUARTE, 2012; CUTI, 2010). A partir de então pareceu bem nítido a importância da interdisciplinaridade da Geografia & Literaturas Negro-brasileiras, que também chamo de Geo & Lit Negras. Aos poucos foi sendo necessário serem utilizadas, além das Literaturas Negro-brasileiras, mas todo um conjunto de construções Geográficas Negras (brasileiras, diaspóricas e africanas). Assim, esses encontros geraram práticas em salas de aulas, com turmas da Educação Básica apresentando que:

(...) na produção literária é possível encontrar descrições de lugares e relações geográficas que se travam nestes, que nem sempre são encontrados em algumas pesquisas específicas, principalmente quando se trata de momentos históricos, lugares e pessoas que são vistos de forma marginalizada na sociedade. São informações do texto literário de grande valia para a Geografia e que seu estudo pode ser ampliado nesta área específica do conhecimento e discutido de forma espacial e/ou territorial. É o caso da Literatura Negra brasileira e a Literatura Negra africana, uma vez que ambas podem, perfeitamente, fazer parte das aulas de Geografia com vários objetivos a serem alcançados” (GUIMARÃES; SILVA, 2012, p.2).

Avançando a discussão que já foi iniciada por GUIMARÃES; SILVA (2012), por meio da interdisciplinaridade Geografia & Literaturas Negro-brasileiras é possível:

- Promover a manutenção da aproximação entre livros e estudantes por desenvolverem e descobrirem um sentido na leitura. Sabemos que as novas gerações são mais visuais e o mundo virtual é muito mais rápido do que o acesso a livros;
- Promover a aproximação da leitura do público de estudantes negros que desconhecem uma literatura que lhe apresenta de forma afirmativa;
- Possibilitar atividades pedagógicas com o uso de uma produção que sempre esteve fora dos currículos e planejamentos de cursos e aulas que são as literaturas negro-brasileiras;
- Aplicar de forma plena a Lei 10.639/2003 por meio de instrumentos didático-pedagógicos que ajudem a dar visibilidade e valorização da cultura e história dos africanos no Brasil e seus descendentes aproximando duas áreas de conhecimento dentro de uma perspectiva ser-espço-tempo.
- Promover aulas que apresentem discussões sobre conhecimentos que até então não faziam parte da vida dos estudantes, dos currículos escolares e que, por direito, os estudantes precisam ter acesso aos mesmos porque contam as histórias dos seus grupos de pertença;
- Por causa da identificação e identidade que é construída.

Como resultado a construção de Geo-grafias Negras que seria justamente a leitura das grafias ou marcas (Geografias Negras) que são deixadas nas sociedades no tempo-espço, mas neste caso utilizando o acervo literário (Literaturas Negro-brasileiras).

Apesar do exemplo aqui ser o da Literatura, mas o que se apresenta enquanto Geo-grafias Negras pode e deve ser ampliado para as mais diferentes linguagens.

O relato até aqui foi para apresentar o quanto os estudos científicos precisam de sentido para serem iniciados se tratando de um/a pesquisadora/or negra/o. Para muitos os assuntos precisam fazer sentido para que sejam pesquisados e, além disso, precisam fazer sentido para um determinado grupo sociorracial e apresentar reflexões da sociedade como um todo. No caso da Geografia, por meio de análises socioespaciais.

Não existe uma fórmula para se desenvolver um trabalho de Geografia & Literaturas Negras ou de Geo-grafias Negras, mas de maneira geral é possível dizer que representa buscas pelas geograficidades e espacialidades que um texto literário pode oferecer em termos de subsídios para compreender que:

[a] identidade cultural dos negros brasileiros e o que se produz em obras artísticas e literárias são remetidas a pontos de encontro comuns que são os de suas origens culturais, de valorizações socioculturais, de questionamentos das questões e/ou problemáticas socioeconômicas resultantes do processo de diáspora, colonização e escravização, principalmente na América (GUIMARÃES, 2012, p.5).

De forma afirmativa e tirando a população negra da condição de invisibilizados, inferiorizados e não protagonistas na construção e transformação da sociedade e consequentemente do espaço geográfico.

Além disso, proporciona um encontro com a herança africana pelo viés cultural, muitas das vezes apresentado nas obras literárias e transformando esse encontro em pertença identitária individual e coletiva e nesta relação, o “contato entre as culturas, as línguas e as civilizações, na contemporaneidade.” (GLISSANT, 2005, p. 10). Assim, podemos estar apresentado uma obra literária do século passado e antepassado, de outro país e até mesmo do continente africano e os elementos culturais pertencentes as ancestralidades e culturas negras serão reconhecidas, pois, “onde quer que vá, o preto permanece um preto” (FANON, 2008, p.149). Este primeiro reconhecimento é o sentir e a partir dele é construído o pensamento negro baseado na pertença, ou seja, desta maneira é estabelecida uma referência.

Mesmo que para uma atividade de Geografia & Literatura Negro-brasileira não exista fórmula, mas existem objetivos que podem ser construídos, assim é possível buscar, por exemplo:

- “ações-resistências e lugares-resistências” (GUIMARÃES, 2014);
- traçar relações entre a realidade e os conceitos socioespaciais básicos da geografia (paisagem, espaço, região, lugar, território e territorialidade);
- referências ancestrais e contemporâneas dentro de perspectivas afirmativas da negritude na realidade de formação e transformação dos espaços geográficos que nos afaste de autorrejeições e aumentem a autoestima (ou seja, afirmação);
- críticas à supremacia euro, branco, patriarcal e falocêntrica na construção dos espaços geográficos por meio de estereótipos e subalternização da população negra.
- ensino antirracista e aplicação da Lei 10.639/2003.

GEOGRAFIAS NEGRAS

“a gente combinamos de não morrer”

Conceição Evaristo (2014)

Em primeiro lugar gostaríamos de apresentar que se as Geo-grafias Negras podem ser entendidas como as variadas possibilidades de leituras de mundo proporcionadas pela interdisciplinaridade da Geografia com outras áreas do conhecimento e utilizando as mais diversas linguagens, mas o exemplo foi com a Literatura. As Geografias Negras (termo não hifenizado) podem abarcar para além das Geo-grafias, das marcas no espaço geográfico, mas compor a complexidade que existe por trás das pesquisas e práticas pedagógicas. Então, envolve também repensarmos a maneira pela qual produzimos conhecimento geográfico sistematizado. Permite construir trajetórias metodológicas e formas metódicas de trabalho utilizando epistemologias apropriadas. Neste caso, esse campo de estudo pressupõe descobrirmos caminhos próprios. Aqui fazemos uma ressalva para algo que faz diferença nos nossos estudos. As pesquisas e práticas que envolvem relações raciais vêm sendo enquadradas enquanto novas ou outras. Quando nos afastamos do rótulo novo estamos afirmando que esse tipo de abordagem geográfica não é nova. Um exemplo disso é quando mergulhamos nos estudos de Milton Santos que possuíam críticas sociais envolvendo questões raciais (CIRQUEIRA, 2010). Até quando será novo algo que já se faz há aqui 40, 30, 20 anos? Mesmo que de maneira dispersa nos estudos

geográficos, mas se compilarmos as vezes que uma nota de cunho crítico racial foi registrado em estudos geográficos, então teremos uma abordagem que já vem circulando faz tempo, ou seja, um trabalho amplo, que ainda está por ser feito na Geografia, apesar de alguns já terem iniciado algo como o caso da pesquisa sobre a “questão racial na Geografia brasileira” CIRQUEIRA e CORRÊA (2012).

Também se pontuarmos que os estudos raciais envolvem as pesquisas racializadas de cunho racistas e podemos dizer que desde sempre a Geografia possui discussões raciais, neste caso, não afirmativas para certos grupos sociorraciais. Agora, a proposta antirracista apresentada de forma aberta, esta sim é mais recente, mesmo assim não representa mais uma novidade, não é mais nova enquanto um campo de estudo geográfico.

Quanto aos termos outra e outro, pensamos que também já não cabe para as Geografias Negras porque nos remete a pensar que existe um modelo e o que propomos é fora do modelo. O que de fato acontece, a sociedade é modelar e padronizada, porém não queremos esse rótulo para justamente pensar que rasuras podem ser realizadas neste modelo, assim destituindo-o. Ainda, o conjunto de reflexões aqui apresentados não estabelecem a desconstrução do que já existe e nem propõe um modelo, mas possibilidades de construções significativas dentro do campo das relações raciais afirmativas e antirracistas na Geografia, logo, pensar o espaço por meio de um conjunto epistemológico que nos sirva.

Assim, método e metodologia em pesquisas de Geografias Negras não é simples, mas complexo devido a dificuldade nas pesquisas pela gama de incertezas de fontes, dados e algumas vezes inseguranças nos resultados, contudo jamais seriedade. Por outro lado a insegurança está muito mais voltada para o medo das punições previstas pelo rigor acadêmico para pesquisas que não sigam as normas, os métodos, as metodologias tradicionais. No caso de Geografias Negras ainda precisamos lidar com a não aceitação social das vozes, percepções, análises e escritas próprias de pensar o mundo e a sociedade porque não são “legitimadas pelas ciências sociais hegemônicas, são hostilizadas pelos meios de comunicação social, e por isso têm permanecido invisíveis, ‘desacreditadas’.” (SANTOS, 2007, p. 23-24).

O complexo, neste caso, pode ser comparado ao que Morin (2011, p.5) menciona sobre o assunto ao afirmar que é “complexo o que não pode se resumir numa palavra-

chave, o que não pode ser reduzido a uma lei, nem a uma ideia simples”. Assim, vale ressaltar que Bertúlio (1989) em sua tese de mestrado nos apresenta a confortante ideia de não nos prendermos às abordagens tradicionais da ciência para não correremos o risco de engessamento de nossas pesquisas.

Pensar o complexo nos insere na complexidade das coisas que para Morin (2011, p.13) compreende:

(...) efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o acontecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisa, clarificar, distinguir, hierarquizar... Mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do complexus (MORIN, 2011, p.13-14).

Por isso, entendemos que a complexidade pode nos causar cegueiras se não admitimos o que de fato nos interessa na base, para pesquisas geográficas negras. Muitos indicam a abordagem muito utilizada de “colonialidade do saber” (LANDER, 2005), mas nem sempre nos contemplam plenamente, porque estamos inseridos dentro da perspectiva de América Latina, mas por outro lado, as questões raciais não são profundamente abordadas. Contudo, as perspectivas “afrodiaspóricas em prol da desconstrução do racismo epistêmico antinegro e da ampliação de alternativas para uma sociedade intercultural e não hierarquizada” (NOGUERA, 2014, p.69) podem revelar possibilidades. Também, as “afroperspectividades” (NOGUERA, 2014) e “afroepistemologias” e “afroepisteméticas” (GARCÍA, 2012, 2018) que estipulam uma visão “desde adentro” para pesquisas das culturas negras na diáspora.

A princípio, a sistematização da afroepistemologia parte de três problematizações ou premissas:

- desconhecimento de nossas origens étnico-afro-subsaarianas;
- desconhecimento das inter-relações culturais das diferentes comunidades da diáspora africana dentro em um mesmo país;
- e desconhecimento das inter-relações históricas e culturais em uma mesma sub-região continental e seu vínculo com o resto do continente e com a África (GARCÍA, 2018, p.89-90).

O que nos remete a pensar em termos do pouco conhecimento e/ou desconhecimento de origens africanas; nas inter-relações culturais e históricas negras; na percepção de uma diversidade entre grupos negros e consequentemente para sanar estas lacunas são necessários afastamento da perspectiva de fora para dentro, destituindo a perspectiva do outro (neste caso a alteridade do branco ou brancura) como modelar, única e trazer a abordagem a partir do negro, de dentro pra fora ou “desde dentro” (GUIMARÃES, 2015).

A proposta apresentada a seguir, representa a necessidade de pensarmos em termos de métodos, metodologias, epistemologias afrocentradas para a Geografia que possam ser aplicadas tanto nas pesquisas, nas formações de novos docentes e nas práticas pedagógicas.

Estamos longe de propor um guia ou manual, mas reflexões no sentido de encarmos como necessário o desenvolvimento uma perspectiva antirracista e enegrecida ajuda a caracterizar as abordagens de Geografias Negras por:

1. Escritas Geográficas Enegrecidas: enegrecer esta ciência com teóricos negros por meio de: (a) repensar a historiografia da Geografia a partir de rasuras e construções geográficas negras e (b) preocupar-se com uma bibliografia e com um conteúdo epistemológico, metódico e de metodologias negras;
2. Fazer Geográfico Enegrecido: com pesquisas cujos objetos de estudos sejam negros e sobre relações étnico-raciais. (GUIMARÃES, 2018, p.45).

A proposta acima, para alguns, pode parecer exclusivista, mas não é. Podemos entendê-la como reparadora diante do que está sendo discutido nos parágrafos anteriores e o que é central neste artigo, na verdade,

(...) se trata de um momento de mergulho nas escritas negras acadêmicas invisibilizadas pelo “epistemicídio”, que para Carneiro (2005, p.30) é apresentado como uma prática que “[...] articulada ao dispositivo de racialidade/biopoder presta-se a dar conta de todas as questões imbricadas no diagnóstico sobre a situação dos negros frente à educação” perante a relutância acadêmica referente a objetos, pesquisas e pesquisados negros(as) (GUIMARÃES, 2019, p.10).

Vivemos um quadro na Geografia de ainda, uma forte invisibilidade de propostas não tradicionais, que discutam ampla e diretamente questões raciais e de maneira antirracista, logo propor que repensemos a história do pensamento geográfico é no sentido

de descortinar os racismos propostos até então para pesquisas e eliminá-los de novas pesquisas daqui pra frente. Não podemos apagar o passado, por isso a ideia de desconstrução é ineficaz, mas podemos escrever o presente e futuro de maneira apropriada, ou seja, construir as Geografias Negras, que já está em curso faz algum tempo, por isso não é nova e muito menos outra, mas uma forma própria de entender o espaço geográfico.

A preocupação com método, metodologia e epistemologias enegrecidas é para dar visibilidade as/aos pesquisadoras/es negras/os na Geografia e suas pesquisas com o devido respeito acadêmico o que envolve o respeito a objetos de pesquisa do grupo sociorracial negro como legítimos. Esta dinâmica que chamamos de própria em substituição a nova e outra.

Um texto negro possui uma forma específica de encadeamento das ideias, junção das palavras e até mesmo estética. O que deve ser considerado nas pesquisas de Geografias Negras. O uso do gerúndio, a hifenização, a propriedade, a pertença de identidade com o assunto, a subjetividade, o individual e coletivo são exemplos de formas enegrecidas na escrita. Uma “dimensão racial do espaço” (GUIMARÃES, 2015) que tanto está presente nos espaços socioespaciais quanto nos espaços acadêmicos.

Os objetos de estudo em algumas pesquisas de Geografias Negras não isentam o pesquisador de se identificar com a pesquisa, sendo assim a neutralidade científica é colocada à prova.

Além disso, o que designam por tema, na maior parte das vezes são pautas sociais o que gera desconforto no campo dos estudos tradicionais pela falta de compreensão que as ciências se encarregam de analisar a realidade e a sociedade, logo, pautas sociais podem ser analisadas pelo viés científico. Neste caso, as pautas, pela ciência são consideradas de âmbito da militância, mas para campo das relações étnico-raciais, pesquisadores são militantes acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES

Como foi mencionado na introdução deste artigo, este texto representa uma continuidade no processo que está em curso de construção tanto de Geo-grafias Negras como de Geografias Negras. Alguns pesquisadores utilizam apenas o segundo termo, mas

no meu caso eu utilizo ambos com uma diferenciação entre os dois para o meu processo em específico que se iniciou com pesquisas e aulas ministradas de Geografias e Literaturas Negras.

Independente da nomenclatura adotada, esse campo de estudo e pesquisa vem crescendo e Geógrafas/os Negras/os não estão mais isolados. Hoje, com a facilidade das redes podem trocar informações, tirar dúvidas e assim a possibilidade de construção de Geo-grafias e/ou Geografias Negras é uma realidade, uma dinâmica, um movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva. (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p.25-57.

BERTÚLIO, Dora Lúcia de Lima. *Direito e relações raciais: uma introdução crítica ao racismo*. 1989. 229f. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Direito, UFSC, Florianópolis. 1989.

BRASIL. *Decreto-Lei N° 10.639*. De 09 de janeiro de 2003, Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. (D.O.U.) 10/01/2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. *Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e na trajetória socioespacial de Milton Santos*. 2010. 161f., Dissertação de Mestrado. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia (IESA), UFG. 2010.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; CORREA, Gabriel Siqueira. A questão étnico-racial na geografia brasileira: um debate introdutório sobre produção acadêmica nas pós-graduações. *XII Colóquio Internacional de Geocrítica*. Anais. Bogotá, 2012. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CRUZ, Victoria Santa. *Ritmo: el eterno organizador*. 2.ed. Lima: Seminário Afroperuano de Artes y Letras. 2019.

CUTI, [Luiz Silva]. *Literatura Negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de Literatura Afro-Brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, v.4, 2011. p.375-403.

EVARISTO, Conceição. Não nasci rodeada de livros, mas de palavras, através da literatura oral. Entrevista. *Jornal El país*. Paraty. 03 jul. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/29/cultura/1501282581_629505.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas / Fundação Biblioteca Nacional. 2014. p.99-109.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GARCÍA, Jesús Chucho. Afroepistemologia e afroepistemológica. In: WALKER, Sheila (Org.). *Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias*. Tradução: Viviane C. Antunes. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018, p.85-105.

GARCÍA, Jesús Chucho. Afroepistemología y afroepistemológica. In: WALKER, Sheila (Org.). *Conocimiento desde adentro: los afrosudamericanos hablan de sus pueblos e sus historias*. Editorial UC, 2012. p.77-92.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geografia Antirracista: métodos, metodologias e epistemologias. *Anais XXXII ALAS*, Lima, Peru, 2019.

_____. A Geografia desde-dentro nas relações étnico-raciais. In: NUNES, Marcone Denys dos Reis; SANTOS, Ivaneide Silva dos; MAIA, Humberto Cordeiro Araújo. *Geografia e Ensino: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente*. Salvador: EDUNEB, 2018.

_____. *Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de suas heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial*. Tese de Doutorado. 2015. Programa de Pós-graduação em Geografia, UFBA. 2015.

_____. De ações-resistências às ações afirmativas: Lei N° 10.639/2003. In SANTIAGO, Ana Rita; MACÊDO, Marluce de Lima (Orgs.). *Entre narrativas e metáforas: direitos, educação e populações negras no Brasil*. Cruz das Almas: UFRB, 2014, p.7-15.

GUIMARÃES, Geny Ferreira; SILVA, Maria Auxiliadora da. O ensino de Geografia e as geograficidades encontradas na Literatura negra brasileira. IV Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas: Africanias, Imagem & Linguagem. IV SIALA. Salvador. 2012.

LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO. set. 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LIMA, Maria Nazaré; SOUZA, Florentina (Orgs.). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: CEAO; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LIMA JUNIOR, Fernando Rodrigues de; CAPORAL, Ladjane. Reflexão Crítica sobre a Ciência e sua Cientificidade. *Revista Investigación Cualitativa*. University of Illinois at Urbana Champaign. v.2, n.1, 2016, p.79-84. Disponível em: <<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/download/34/17>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. 2.reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Camila. BRANQUITUDE É BRANQUIDADE? UMA REVISÃO TEÓRICA DA APLICAÇÃO DOS TERMOS NO CENÁRIO BRASILEIRO. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 73-87, jun. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/151>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MOREIRA, Camila.. Branquitude X branquidade: uma análise conceitual do ser branco. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura. *Anais III EBECULT*. Cachoeira, 2012. Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/05/Branquitude-x-branquidade-uma-ana-%C3%83%C3%85lise-conceitual-do-ser-branco-.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução: Eliane Lisboa. 4.ed., Porto Alegre: Sulina, 2011.

NOGUERA, Renato. *O ensino de filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas / Biblioteca Nacional, 2014.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O negro desde dentro. In: RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de janeiro: Editora UFRJ, 1995. p.241-248.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

Recebido 20/02/2020

Aprovado em 30/03/2020